

Índio de Aracruz quer demarcação de terras

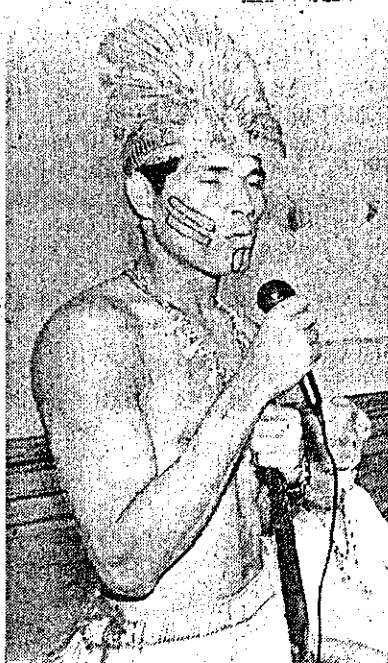
Em trajes e pinturas característicos de guerra, representantes das tribos Tupiniquim e Guarani se reuniram ontem na Fafi, no Centro, para exigir a demarcação de suas terras em Aracruz. "Primeiro, a gente vai acionar a Justiça e depois, se possível, ver se a Funai faz a vistoria e demarca as terras. Senão, estamos decididos a demarcar por conta própria", disse o cacique Luís Francisco Ramos, da aldeia tupiniquim de Caieiras Velhas. Eles exigem a anexação de 13,2 mil hectares.

De acordo com a Constituição Federal, se as terras reivindicadas pelos índios não forem demarcadas até o dia 5 de outubro, eles perdem definitivamente o direito sobre elas. Segundo o cacique, em 1610 o governador da Capitania do Espírito Santo, Francisco de Aguiar Coutinho, oficializou a doação de uma sesmaria (cerca de 130 mil hectares) aos tupiniquins e hoje só lhes restam 4,5 mil hectares, em terras descontínuas.

Praticamente todo o território indígena foi ocupado pela Aracruz Celulose, de acordo com o cacique. "Em pouco tempo, essa empresa destruiu sete aldeias, nos expulsando e nos ilhando num mar de eucalipto". A região hoje é ocupada por quatro aldeias: três tupiniquins (Caieiras Velhas, Pau-Brasil e Comboios) e uma guarani, a Boa Esperança.

No início do mês eles estiveram em Brasília para exigir da Funai a demarcação. O órgão reconheceu a legitimidade da reivindicação mas alegou falta de recursos e de infra-estrutura técnica para realizá-la. "A Funai disse que se a gente arrumar um técnico para fazer a vistoria, ela homologava. Vamos procurar um e fazer a papelada", afirma o índio. O receio, no entanto, é de que o processo não seja concluído antes de 5 de outubro. Primeiro, toda a área deve ser interditada para sua identificação por técnicos, como topógrafos. Depois são feitas a delimitação, a demarcação e a homologação pelo Governo federal. Por último, as reservas são regularizadas na co-

Foto de Samuel Vieira



Os índios estiveram na Fafi

marca. No caso, em Aracruz.

Os índios estão preocupados com a sobrevivência de seus descendentes. Eles vivem de venda de artesanato, um pouco de pesca e de caça. Mas o plantio de eucalipto destruiu o ambiente em que vivem: "A pesca está fracassada. A gente caça às vezes, porque nem sempre tem. A gente não vai brigar, ferir corpo de homem branco ou de dono de empresa. Não vamos com repressão. Só queremos respeito porque precisamos das terras", ressalta. Segundo o cacique Luís Francisco, as tribos também são ameaçadas por guardas da Aracruz Celulose, que os impedem de retirar madeira para lenha.

A Aracruz Celulose garante que todas as suas terras foram adquiridas de proprietários privados e que nunca deslocou as comunidades indígenas de suas terras. Ao contrário: ela afirma ter cedido 1819 hectares de suas propriedades para a constituição de uma reserva indígena. A empresa lembra que os índios já habitavam a América na época do descobrimento e hoje, apesar de representarem apenas 0,1% da população, têm demarcados o equivalente a 10% do território brasileiro.